

## **A produção de sentido no processo comunicativo: a construção da entrevista como conflito na memória e identidade do sujeito jornalista<sup>1</sup>**

Gerson de SOUSA<sup>2</sup>

Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, MG

### **Resumo**

Este artigo tem por objetivo analisar a produção de sentido e o significado do conceito de entrevista problematizado em uma pesquisa sobre identidade na formação teórica e prática jornalística que se articula por meio da metodologia de Análise Cultural, pelos Estudos Culturais Ingleses. O objetivo é discutir que a busca pela totalidade do sujeito não pode ser reduzido a mero procedimento técnico de entrevista para obter informação do outro. A entrevista é mais do que o diálogo possível: é a construção crítica possibilitada no tempo de concessão de vida entre dois sujeitos para problematizar e indagar sobre o movimento do conhecimento sobre determinada realidade. Essa concepção de processo comunicativo é fundante quando se está diante do trabalho de memória em comunicação que se impõem aos sujeitos participantes da entrevista.

**Palavras-chave:** Entrevista; Memória; Identidade; Jornalismo; Comunicação.

### **1 - Introdução**

Este artigo tem por objetivo analisar a produção de sentido e o significado do conceito de entrevista no processo comunicativo como problemática na pesquisa em andamento, em Uberlândia, que consiste em identificar e analisar as implicações da cultura na construção de identidade do jornalista. A pesquisa, na qual coordeno e que teve início em janeiro de 2014 com financiamento da Fapemig, tem a proposta de construir a análise da identidade do jornalista a partir de dois aspectos fundantes: a memória da formação teórica, com ênfase para a educação formal e a experiência vivida na atividade profissional no cotidiano de Uberlândia (MG).

O elemento importante desta análise é que se trata de uma pesquisa sobre o paradoxo da construção da identidade do jornalista que se articula por meio de problematizar o presente e o passado pela memória. A proposta de entender a contradição,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Comunicação ECA-USP, Professor Adjunto do Curso de Comunicação Social: Jornalismo UFU e do Programa do Mestrado em Tecnologias, Comunicação e Educação UFU. email: [g.sousa1971@hotmail.com](mailto:g.sousa1971@hotmail.com)

historicidade e totalidade do sujeito está articulada à metodologia de Análise Cultural, pela Teoria dos Estudos Culturais Ingleses. O objetivo é discutir que esse complexo mergulho em escavar os dilemas do outro na produção de sentido do trabalho jornalístico e da formação teórica como sujeito, que essa busca pela totalidade do sujeito, não pode ser reduzida a mero procedimento técnico de entrevista para obter informação do outro. Nem sequer pode ser um movimento especulativo de ativar a memória para fragmentar ora dados sobre a educação formal, ora sobre os dilemas da produção jornalística, em uma subdivisão dissonante de teoria e prática.

Esse, aliás, é o aspecto da crítica neste artigo e na construção da pesquisa. Ao instigar o trabalho da memória no outro na construção da entrevista, é preciso considerar a profundidade e o deslocamento da existência no sujeito provocado por meio pela problemática. O paradoxo do movimento está em que o sujeito entrevistado é o mesmo cuja produção de sentido no jornalismo se constrói por meio de entrevistas no cotidiano. Engana-se considerar que somente o outro é instigado diante dos apontamentos da entrevista. O entrevistador, o eu, sofre a cada relação no processo comunicativo alteração em compreender a realidade. A defesa na pesquisa está em considerar que o conhecimento é construído por meio da tensão e do conflito do eu consigo e com o outro a partir da apropriação da realidade problematizada em forma de tema.

## **2 – Entrevista como produção de sentido**

Esse estado de tensão e conflito implica em reconhecer a responsabilidade social da entrevista. É preciso que o eu se prepare para estabelecer a relação com o outro por meio de indagações sobre determinado aspecto da realidade, o que nos remete a nova compreensão do social. O problema é que a formação teórica-prática jornalística instiga mais o preparo da produção da pauta, de como se portar para a entrevista, de como questionar o entrevistado, do que para a concretude existencial da relação comunicativa. Mesmo a importância de ouvir o outro é reduzido como procedimento técnico de conseguir uma boa entrevista.

Essa concepção distorce o significado da comunicação e da produção de sentido. Primeiro, porque a atenção que se despence ao outro é um movimento comportamental que mais que assemelha a contingência de reforço, do que foi treinado no micro espaço da universidade e estendido para o macro da realidade social. Está distante de ouvir como processo de identificação do espaço e tempo de consciência crítica. Segundo, porque o ouvir o outro está como fundante de qualquer processo comunicação na relação entre

sujeitos. Tratar o outro como sujeito não pode ser entendido como concessão temporária, o que levaria a uma interpretação errônea de ser o jornalismo com valor temporário em seu significado social.

Por meio dessa crítica a defesa neste artigo e na construção da pesquisa está em problematizar que a entrevista é mais do que o diálogo possível. Ratifico a defesa de Cremilda MEDINA (1986) ao criticar a entrevista meramente como procedimento técnico e do que considera “dirigismo com que se executam as tarefas de comunicação social:

“Na maior parte das circunstâncias, o jornalista (comunicador) imprime o ritmo de sua pauta e até mesmo preestabelece as respostas: o interlocutor é conduzido a tais resultados. A caricatura deste fato se difunde por aí em entrevistas de televisão, cujo script é pré-montado, ensaiado, ficando pouca margem para o entrevistado decidir qual o rumo de seu pensamento ou de seu comportamento. O que menos interessa é o modo de ser e o modo de dizer daquela pessoa”. (MEDINA, 1986, p. 6-7).

A crítica está em romper com a atitude funcionalista-pragmática da entrevista, cujo sentido é reduzido a mera obtenção de dados do entrevistado e visualizar mudança de comportamento. O agravante está na hierarquia dos dados para a notícia sobre o sujeito entrevistado: está diante da objetificação do outro como mais um dado a ser obtido. Será que neste ato o próprio sujeito que entrevista não se torna também objeto ao negar a relação comunicativa? Mas então o que MEDINA considera como diálogo possível, neste apelo para que os meios de comunicação assumam a sua denominação na totalidade que é comunicar e interligar.:

“Desenvolver a técnica da entrevista nas suas virtudes dialógicas não significa uma atitude idealista. No cotidiano do homem contemporâneo há espaço para o diálogo possível. Estão aí experiências ou exceções à regra que provam o grau de concretização da entrevista na comunicação coletiva. Sua maior ou menor comunicação está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo: quando, em um desses raros momentos, ambos – entrevistado e entrevistador – saem ‘alterados’ do encontro, a técnica foi ultrapassada pela ‘intimidade’ entre o EU e o TU” (MEDINA, 1986, p. 7)

E o resultado desta relação que rompe com a mera técnica para estabelecer uma relação comunicativa é essa alteração sofrida por ambos. Como afirma MEDINA: “Tanto um como outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível”. (1986, p. 7)

Por meio desta análise, conceituo que a entrevista é a construção crítica possibilitada na relação entre sujeitos que mergulham na realidade histórica do processo comunicativo por meio do conflito da experiência vivida. A entrevista se estrutura no tempo de concessão de vida em que entrevistado e entrevistador definem como valor para existência em

determinado espaço social. Essa relação entre os sujeitos conduz a nova dimensão no movimento do conhecimento sobre determinada realidade.

Diante dos dilemas apresentados é necessário articular problemas que necessitam analisar essa defesa humanizadora para o concreto do cotidiano. Será que ambos os sujeitos, aqui como entrevistador e entrevistado, estão preparados existencialmente para construir o conhecimento de forma crítica? Será que o eu que pergunta possui estrutura emocional para receber a resposta do outro a que está indagando? E qual é o impacto que se provoca no outro, não no momento em que o sujeito se entrega emotivamente à entrevista amparado pelo entrevistador, mas quando se está só, no enfrentamento da alteração sofrida pelo outro no trabalho da memória no presente?

Tanto na formação teórica quanto prática, em que momento o ato comunicativo da entrevista será entendido em sua totalidade pelos sujeitos? Quanto tempo de vida é necessário para se rearticular emotivamente diante de uma simples pergunta provocativa na qual o outro é indagado e responde com sentimento manifesto em expressão? E qual a profundidade necessária para que o eu entrevistador seja levado a demolir a fragmentação da simples aquisição de dados para uma matéria na formação jornalística para ser levado à reflexão do próprio sujeito na realidade social?

Essas perguntas revelam a importância de entender que a concepção de processo comunicativo é fundante quando se está diante do trabalho de memória que se impõem aos sujeitos participantes da entrevista. Pois a memória exige a relação entre sujeitos. Recentemente, tenho escrito sobre a contradição de trabalhos que recorrem à pesquisa com memória de velhos ou da cultura popular para registrar ou documentar o que o sujeito vivenciou no passado. Há um fator positivo, na qual defendo: trata-se de um ato humanista e crítico de propor um trabalho ou pesquisa para abrir novos espaços de voz – e não dar voz - aos homens e mulheres marginalizados em uma sociedade capitalista que os violentam. Trata-se aqui de estender o dito e o não dito do silêncio do velho para o conhecimento do social.

O problema está no que encontro como incoerência política em que recai certas pesquisas da cultura e comunicação. Apresenta-se como incoerente porque a proposta conclusiva do trabalho está em valorizar o passado do sujeito velho, do sofrimento do popular, alheio aos dilemas do sujeito no presente. Não estaria aqui outra instância da objetificação do sujeito, negado no presente, na qual o entrevistador pretende levar a questionamento, na denúncia de ser negado no passado? Em que medida a valorização do

passado pelo passado, o suposto “resgate” da história, pode ter status hierárquico ao próprio sujeito que narra a sua história?

Ao remeter a análise para o jornalismo há outro fator polêmico que se instaura neste embate: a afirmativa de ser o jornalista o historiador do cotidiano. Ao analisar o texto de Graças CALDAS (2005) há determinados problemas que precisam ser dimensionadas nesta defesa do jornalista como historiador. Em que sentido é possível considerar o jornalista como historiador do cotidiano? Que tipo de história está sendo narrada atualmente pela mídia? Qual o problema de a mídia ser atualmente um espaço para legitimar a memória social? O que é notícia e de que forma ela influencia na memória coletiva?

O primeiro aspecto importante é considerar que a construção da história do cotidiano pelo jornalista não pode ser remetida de forma automática. Isso implica que devemos questionar se tudo o que se publica pode ser considerado como história. A indagação exige reconhecer que o processo de produção de sentido do jornalista precisa ser analisado a partir de fatores que o condicionam, antes de lançarmos como automático para o status de história. Qual a concepção de cotidiano que se articula na narrativa histórica da mídia e do seu agente jornalista? Graças Caldas nos remete a importância de considerarmos o “contexto histórico dos fatos e do veículo em que está inserida, sua linha editorial e política” e acrescenta outro fator fundante: “conhecimento da história de vida dos agentes envolvidos no processo de produção da informação” (CALDAS, 2005, p. 138).

E a autora traz outro contexto para a discussão sobre mídia e história:

“O capital simbólico é, portanto, nitidamente utilizado pela indústria cultural para a formação da opinião pública no processo de interpretação dos acontecimentos. Cabe, portanto, aos jornalistas assumirem o papel de intelectuais do conhecimento para contextualizarem a leitura da realidade de forma a possibilitar uma compreensão crítica da história” (CALDAS, 2005, p. 145)

A análise sobre o conceito de comunicação e história e o confronto com a contextualização da história construída pelo jornalismo será tema de outro artigo. Cabe aqui, considerar como ponto central para percorrer o conceito de entrevista e da memória, a história de vida do sujeito e rearticulá-la, se podemos considerar, como a experiência apreendida pela memória.

A história vivida dos agentes é a proposta que se insere na pesquisa sobre a identidade na formação do jornalista. O objetivo geral da pesquisa é registrar as reflexões produzidas pelos jornalistas formados e estabelecer um sentido que responda às problemáticas e permita construir análise dos sujeitos que produzem, sem se perder no

fragmento do que é produzido por eles. E o primeiro passo a considerar como sujeitos é não fechar uma única conceituação de memória, cuja tendência é adequar o sujeito a teoria.

Por este aspecto, irei apresentar os conceitos de memória que estão sendo considerados como aspectos essenciais para poder mergulharmos na história de vida do sujeito. A proposta é que as entrevistas exijam do entrevistador, nessa relação comunicativa em que ambos compartilham a concessão de tempo de vida para o conhecimento, a sensibilidade de identificar o espaço e tempo de experiência em que ocupa os dilemas expressos.

### **3 – Memórias em conflito**

O problema apresentado por Bergson (1959) ao distinguir a memória hábito da memória lembrança é um elemento que permite trazer como análise a memória individual. Ou para ser mais preciso a afirmativa de desvelar a memória e inconsciente, de que “antes de ser atualizada pela consciência, toda lembrança vive em estado latente, potencial”. (BOSI, 1994, p. 51) A explicação de Bergson define que a memória-hábito “ trata-se de um exercício que, retomado até a fixação, transforma-se em um hábito, em um serviço para a vida cotidiana”. Em contraponto a “imagem-lembrança traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida”. (BOSI, 1994, p. 49) Essa distinção está estruturada na proposta de mostrar a complexidade de entender o convívio do inconsciente e do consciente é : “Tenso – quando a percepção para a ação domina o comportamento e distenso, no caso de o passado alargar o presente” (BOSI, 1994, p. 52).

O que esta afirmação pode ser entendida para a entrevista na pesquisa sobre a construção de identidade do jornalista? O primeiro aspecto é considerar a representação conceituada por Bergson que resultada da “percepção como resultado de estímulos não devolvidos ao mundo exterior sob forma de ação”. Está o esquema imagem-cerebro-representação descrito por Bosi (1994). Em uma pesquisa que trata de anos de formação teórica na universidade e de um tempo distante do sujeito que narra e de uma experiência de trabalho de produção jornalística, como o entrevistado articula seja a memória hábito seja a memória como lembrança? Será que é possível se defrontar com a imagem lembrança, com um momento único, singular do sujeito no processo de formação?

Embora o trabalho tenha um posicionamento teórico-metodológico definido, pelos Estudos Culturais, a defesa em compreender a memória individual de Bergson está em possibilitar a interpretação construída pelo sujeito e não em adequar sua construção de narrativa a um modelo teórico. Será que o exercício da profissão leva o jornalista formado a

alimentar sua compreensão da realidade por meio da memória hábito? Em que circunstâncias uma pergunta em profundidade pode trazer à tona esse momento único, que estava no inconsciente?

A segunda construção teórica está no conceito de memória coletiva de Maurice Halbwachs. A principal defesa para articular a memória coletiva está no seguinte pressuposto de Halbwachs, a partir do fato social de Durkheim: “O homem se caracteriza essencialmente por seu grau de integração no tecido das relações sociais. Se o social se confunde com o consciente deve-se confundir também com a rememoração sob todas as suas formas”. (HALBWACHS,1990, p. 22) O aspecto importante da frase está na afirmativa de que as nossas lembranças estão diretamente relacionadas com os outros que nos faz lembrar. Na prática significa afirmar que as lembranças são sempre coletivas “porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS,1990, p. 26)

Como reafirma BOSI

“o caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito”. (1994, p. 55)

Qual o conceito de lembrança construído por Halbwachs. Para ele “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”. (HALBWACHS,1990, p. 71 ). A defesa da memória coletiva de Halbwachs está apresenta como crítica a afirmativa da memória individual de Bergson. Em sua defesa teórica, o autor afirma:

“Para nós, ao contrário, não subsistem, em alguma galeria subterrânea de nosso pensamento, imagens completamente prontas, mas na sociedade, onde estão todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes do nosso passado, as quais nos representamos de modo incompleto ou distinto, ou que, até mesmo, cremos que provêm completamente de nossa memória”. (HALBWACHS, 1990, p.77 ).

A memória coletiva se faz como aspecto importante para entender a construção da identidade do jornalista. Primeiro porque podemos considerar a partir do grupo que pertenceu na universidade e do grupo que faz parte agora no trabalho como se faz a sua releitura do passado. Não se trata aqui do resgate do passado, como se trouxesse algo ileso

do passado que estava no inconsciente para a leitura do presente. Trata-se sim de uma reconstrução, do trabalho da memória no presente. A consciência do presente redefine a análise da própria história. Quais aspectos vivenciados pelo sujeito passam a ser destacados para o primeiro plano e quais são deslocados para o esquecimento diante da realidade do presente?

Será que o dilema enfrentado pelo sujeito na redação, na angústia de construir a identidade como jornalista, redefine o valor e a história do passado? Se considerarmos como válida esta leitura, então como é possível conceituar o sujeito neste dilema entre a memória como processo seletivo e reconstruído a partir do grupo social em que está inserido no presente?

O terceiro contraponto sobre a memória está a partir da teorização de Michel Pollak e está mais interligado a proposta teórica da pesquisa. Parte da seguinte afirmativa: a construção da identidade do sujeito na atuação como jornalista está estruturada na atribuição de valor à experiência vivida materializada na memória. Esta frase está relacionada ao conceito defendido por Michel Pollak ao partir da seguinte problemática: há separação entre memória e identidade? A primeira articulação para a resposta a essa provocação teórica segue no diagnóstico do próprio autor ao afirmar que “há algumas designações, atribuídas a determinados períodos, que aludem diretamente a fatos de memória, muito mais do que a acontecimentos ou fatos históricos não trabalhados pela memória”. (POLLAK, 1992, p. 201) Eis aqui o contraponto. Pollak nos apresenta que “na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis”. No entanto, “determinado número de elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da essência da própria pessoa”. (POLLAK, 1992, p. 201)

A problemática desta afirmativa está em entender o porquê esses elementos, em uma memória construída socialmente, são tornados como marcos do sujeito e levados a essência de sua história de vida. Pollak nos indica a perspectiva por meio de outra problemática: Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? E o autor apresenta três aspectos que possibilita articular com a pesquisa sobre formação do jornalista. O primeiro elemento é entender o sujeito a partir da experiência vivida a partir de três aspectos essenciais: os acontecimentos vividos pessoalmente; os acontecimentos vividos por “tabela” – acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer; e os acontecimentos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou grupo.



O fator de projeção e identificação do sujeito, como resultante do processo de socialização, soma-se a esse quadro. Pollak analisa o que vai denominar de memória quase herdada. Esse processo se institui “por meio da socialização política, ou da socialização histórica a partir da ocorrência de um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado” (POLLAK, 1992, p. 201). Esse é um elemento importante tanto na formação teórica quanto prática do trabalho jornalístico. O primeiro aspecto está em entender como o processo formativo se aproxima ou se distancia da experiência vivida do sujeito. O paradoxo está em analisar se há diferença e em que grau se altera a construção de si quando os acontecimentos vividos por tabela ou os que estão fora do espaço-tempo da pessoa se tornam predominante no processo formativo do ser para a profissão.

Para entender esse dilema torna-se necessário analisar como Pollak faz essa relação direta entre Identidade e Memória. Para o autor: “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. (POLLAK, 1992, p. 203) Qual sentimento de continuidade pode orientar o sujeito em sua experiência de vida no cotidiano em que atua se a experiência vivida é sobrepujada como instância de valor para a constituição da memória? É possível passar por este processo sem que o próprio sentido ou significado do cotidiano seja de alguma forma afetado no fragmento da totalidade?

É preciso tomar cuidado para que a problemática acima seja distanciada de qualquer alusão a noção pura da experiência vivida, como se a experiência mediada tornasse o sujeito contaminado de outro sentimento alheio ao seu ser. A proposta de trazer esta análise está em repensar a própria problemática do processo formativo em que o eu se posiciona diante da complexidade de analisar o seguinte pressuposto: se o sujeito que se projeta e se identifica com os acontecimentos que estão fora de seu espaço tempo deixa de ser sujeito? A resposta poderia ser que há no movimento interpretativo do eu a partir deste outro introjetado a constituição do sentimento de pertencimento seja de um grupo, seja da coletividade. Mesmo essa indagação precisa ser retirada da estrutura analítica estática para ser posta em movimento.

De qual outro se fala quando é possível analisar a memória herdada ou enquadrada? E sabiamente Pollak instiga ao analisar esse outro que escapa do eu. E se o outro precisa ser analisado como inserido em um espaço diferente e dissonante do eu, abre-se o debate sobre relações de poder e se historiciza a memória. Ao dimensioná-la historicamente, é

imprecindível analisar a identidade como espaço de conflito. Há de se reformular, por este novo ângulo, o problema: como este estado de conflito entre experiência vivida e a memória herdada pode definir a intensidade da formação do eu enquanto jornalista?

Neste momento é preciso recorrer para a segunda instância dos elementos constitutivos da memória apresentada por Pollak: trata-se da memória que é constituída por pessoas, personagens. Seja por personagens encontradas no decorrer da vida; seja por personagens frequentadas por tabela; seja por personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa. De alguma forma, ao se inserir no espaço universitário ou do trabalho em uma redação, o jornalista se depara com rede de pessoas e personagens como forma de sociabilidade. Essas pessoas de alguma forma edificam ou demolem os fatos produzidos pelo sujeito na relação social e são responsáveis pelos momentos vividos que devem ser preservados no ambiente coletivo. Ao considerar a tensão e o conflito como imanente ao processo, reconhece-se o imperativo da hierarquização de valores que pode estar em confronto do outro com o eu. O poder micro instaurado nesta relação pode estender para além da tensão e se instaurar como ato de violência o conflito.

Os lugares de memória completam o terceiro elemento. Há identificado os lugares particularmente ligados à uma lembrança, que não necessariamente precisa ter apoio cronológico; os públicos, de apoio da memória como de comemoração; e os lugares fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa. Qual a importância da dimensão do espaço da universidade e do trabalho na construção da memória e da identidade do jornalista? Um aspecto importante nessa análise sobre os lugares de memória é verificar quais os fatores que são delimitados como “marco” do sujeito e associado diretamente aos lugares e às pessoas.

#### **4 - Considerações Finais**

É preciso considerar a entrevista para além de mero instrumento técnico para se obter informação. A entrevista é uma relação dialógica na qual os sujeitos passam a produzir sentido e articular o conhecimento na entrega do tempo de vida concedido em determinado espaço social. Não se trata de um tempo mercadológico para influenciar o outro ou para obter dados. Em ambas situações é a atribuição de sentido de um tempo da vida existencial de entrevistador e entrevistado. Essa relação permite conceituar como processo comunicativo a alteração de sentido.

A pesquisa sobre a construção de identidade do jornalista se estrutura nesta concepção teórica-metodológica. O primeiro aspecto é considerar os sujeitos no processo.

Isso significa que o outro pode alterar a concepção e o sentido do que se discute porque não está mapeado apenas como estatística ou como número de entrevistados. O segundo aspecto é o qualitativo se associa a memória ora individual, ora coletiva, ora subterrânea. E somado a isso, o valor do passado a partir da tensão e conflito do sujeito no presente.

O que significa analisar a construção da identidade do jornalista na formação teórica e experiência prática por meio dos Estudos Culturais? Implica em identificar o sentido do cotidiano de um sujeito que é levado a pensar sobre si mesmo. Essa reflexão pode permitir construir um diagnóstico sobre sua individualidade; ou levar a problematizar os grupos sociais que o levaram a uma releitura de si mesmo ; ou nos defrontarmos com a marginalização, o silêncio na qual o sujeito é levado ao não dito por não ser reconhecido. Em qualquer parte trata-se de um momento de conflito em que o simples indagar de elementos que remetem a identidade, por mais simples que seja, é levado a complexidade da existência do próprio sujeito.

## REFERÊNCIAS

ANCHIETA, Isabelle. **Sobre a necessidade da formação profissional dos jornalistas para uma sociedade democrática.** Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://www.fnpij.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=557&cf=18>>

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Obras escolhidas. V. 1 Trad. Sergio Paulo Roaunet. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio da relação do corpo com o espírito.** Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança dos velhos.** 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALDAS, Graça. **Mídia e Memória: a construção coletiva da história e o papel do jornalista como historiador do cotidiano.** In: BEZZON, Lara Andréa Crivelaro. Comunicação, política e sociedade. Campinas (SP): Editora Alínea, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer.** V. 1 e 2. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994. e 1997

\_\_\_\_\_. **A Cultura no Plural.** Campinas (SP): Papirus, 1995.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

COUTO, Nadia Regia Almeida; FRITZEN, Celdon. **Relações entre a história da imprensa e a formação do jornalista**. Disponível em: <[http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/312NadiaAlmeidaCouto\\_e\\_CeldonFritzen.pdf](http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/312NadiaAlmeidaCouto_e_CeldonFritzen.pdf)>

DIAS, Robson. **Comunicador Social ou Jornalista?** A estruturação do conhecimento profissional do jornalista em cursos de graduação. *Revista Brasileira de História da Mídia*, Porto Alegre/ São Paulo, v. 1, n. 2, p 139-150, 2012.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos Estudos Culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Ed. Autentica.

JANUÁRIO, Marcelo. **Entre a crítica e o entretenimento**: o jornalismo cultural brasileiro e a pragmática do mercado. *Revista PJ: Br – Jornalismo Brasileiro*, São Paulo, 2004. Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios3\\_e.htm](http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios3_e.htm)>

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardiã Resende ... (et al). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu Silva e Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (org.). **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LIMA, Raquel Sousa. O conceito de cultura em Raymond Williams e Edward P. Thompson: breve apresentação das idéias de materialismo cultural e experiência. *Revista Cantareira*, História da UFF, 2004, 8 edição on-line.

MANSANI, Tainã. **Diploma de jornalismo**: na prática, a teoria é outra? São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.casperlibero.edu.br/noticias/index.php/2011/04/11/diploma-de-jornalismo:-na-pratica-a-teoria-e-outra?.n=5132.html>>

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Pistas para entre-ver médios y mediaciones. **Médios**, mediaciones y tecnologías, N. 41, v. 21, Julio-diciembre 2002.

\_\_\_\_\_. **Dos Meios às Mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MARTINO, Luiz C. **Os cursos de teoria da comunicação à luz do jornalismo**: obstáculos e impropriedades das posições tecnicista e intelectualista. *Libero*, São Paulo, v. 9, n. 15, p. 21-29, 2006.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.3-15

\_\_\_\_\_. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p.200-215

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do indizível ao dizível. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.) **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988, p. 14-43.

ROAUNET, Sérgio Paulo. **Mal-Estar na Modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

THOMPSON, Edward T. **A formação da classe operária inglesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. Trad. André Glasser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.